

**COMPOSTOS MORFOLÓGICOS COM O
FORMATIVO -LOG- NO VOCABULÁRIO
PORTUGUEZ, E LATINO, AULICO,
ANATOMICO, ARCHITECTONICO,
BELLICO, BOTANICO... (1712-1728), DE
RAFAEL BLUTEAU**

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À LUZ DA
MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL**

João Pedro Bullos Freitas
(Universidade Federal da Bahia)

Antonia Vieira dos Santos
(Universidade Federal da Bahia)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>João Pedro Bullos Freitas é Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Faz parte do grupo de pesquisa PROHPOR (Programa para História da Língua Portuguesa). E-mail: joapedrobullos@hotmail.com</p> <p>Antonia Vieira dos Santos é Professora Associada da UFBA e Professora Permanente do PPGLinC/UFBA. Possui graduação em Letras Português (Licenciatura) pela Universidade de Brasília (1997), graduação em Letras Português (Bacharelado) pela Universidade de Brasília (1999), mestrado em Linguística Portuguesa pela Universidade de Coimbra (2003) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2009). E-mail: toniavieira@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Neste artigo, pretende-se descrever e analisar, à luz da Morfologia Construcional (MC), um grupo de palavras morfológicamente complexas denominadas compostos morfológicos (Ribeiro; Rio-Torto, 2016) no <i>Vocabulário Português, e Latino... (1712-1728)</i> de Rafael Bluteau, importante fonte para o estudo do léxico português. Para tanto, adota-se como base as noções de esquema e de herança da MC (Booij, 2010; Gonçalves; Almeida, 2014). Em virtude do caráter heterogêneo dos dados coletados, decidimos focar nosso estudo nos compostos constituídos com o formativo -log-, como <i>bat-(o)-log-(ia)</i>, <i>antrop-(o)-log-(ia)</i>, com a finalidade de proceder a uma análise mais aprofundada desse tipo de</p>	<p>This article aims to describe and analyze, through Constructional Morphology (CM), a group of morphologically complex words called morphological compounds (Ribeiro; Rio-Torto, 2016) in <i>Vocabulário Português, e Latino... (1712-1728)</i> by Rafael Bluteau, an important source for the study of the Portuguese lexicon. To achieve this, it takes as a basis the notions of MC scheme and inheritance (Booij, 2010; Gonçalves; Almeida, 2014). Due to the heterogeneous nature of the data collected, we decided to focus our study on compounds constituted with the formative -log-, such as <i>bat-(o)-log-(ia)</i>, <i>antrop-(o)-log-(ia)</i>, with the purpose of carrying out a more in-depth analysis of this type of process and structure. In all cases analyzed, the X-log</p>

processo e estrutura. Em todos os casos analisados, as formações X-log podem ser representadas pelo esquema genérico [X log]. Verificou-se, ainda, que [X] está semanticamente associado a um substantivo ou adjetivo, e o produto é sempre um substantivo. Quanto ao polo semântico, notamos que os esquemas em X-log possuem, em essência, um sentido altamente especificado com nenhuma abertura para outros significados, remetendo sempre à noção de estudo, ciência, tratado e estudioso.	formations can be represented by the generic scheme [X log]. It was also found that [X] is semantically associated with a noun or an adjective, and the product is always a noun. Regarding semantics, we note that the schemes in X-log have a highly specified meaning with no opening to other meanings, always referring to the notion of study, science, treaty and scholar.
---	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Compostos morfológicos; Bluteau; Morfologia Construcional.	Morphological compounds; Bluteau; Construcional Morphology.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar os compostos morfológicos presentes no *Vocabulario Portuguez, e Latino...* (1712-1728), do padre e lexicógrafo Rafael Bluteau (1638-1734), com vistas a contribuir com os estudos sobre a composição de palavras em fases pretéritas da língua. Nesse sentido, ao propormos um trabalho linguístico de natureza histórica é necessário, antes tudo, considerar que “nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com frequência, nos faz.” (Mattos e Silva, 1991, p. 12-13). Logo, estudos dessa natureza são imprescindíveis tanto para o conhecimento do passado, quanto para a compreensão do presente. Afinal, conhecer os caminhos pelos quais passamos é, também, uma forma de compreender nossa condição atual.

Sabe-se que umas das dificuldades postas no estudo de palavras compostas reside na definição de composição, a qual recebe distintos tratamentos. Assim, a noção adotada neste trabalho considera a composição como o processo de formação de palavras de caráter coordenativo, subordinativo ou modificativo, entre pelo menos duas unidades lexicais, sejam radicais, temas ou palavras (Ribeiro; Rio Torto, 2016).

O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma breve descrição da obra de Bluteau, seguida pela exposição da estratégia metodológica adotada, incluindo o processo de recolha dos dados. Adiante, tratamos do processo de formação de palavras em questão. Na seção seguinte apresentamos sucintamente o quadro teórico da Morfologia Construcional, abordando as principais premissas desse modelo, nesse caso, a noção de esquema e herança. Por fim, são apresentadas a análise e a discussão, seguidas das considerações finais e as referências.

1 SOBRE O CORPUS E A METODOLOGIA ADOTADA

O *Vocabulario Portuguez, e Latino...* é uma obra lexicográfica composta por dez volumes, sendo dois suplementares, que reúne, além de termos do vocabulário comum,

termos de natureza técnico-científica e filosófico-literária, totalizando cerca de quarenta e três mil verbetes (Silva, 2018, p. 1). Os dois primeiros volumes são datados de 1712, o terceiro e o quarto de 1713, o quinto volume é de 1716, o sexto e o sétimo datados de 1720, e o oitavo volume é de 1721; os dois suplementares são de 1727 e 1728, os quais contêm mais de cinco mil vocábulos não incluídos nos volumes anteriores (Silva, 2018, p. 1), encontrando-se disponível online atualmente.

Fig. 1 – Vocabulario Portuguez, e Latino...



Fonte: Vocabulário Portuguez, e Latino... (Vol. 1)

Trata-se, portanto “de uma obra que se impôs como modelo normativo e é uma referência para o estudo das línguas...” (Silvestre, 2008, p. 10). Nesse sentido, acreditamos que, sem dúvidas, esse material tem muito a revelar sobre a composição morfológica, mas também sobre os contextos culturais e sociais, que podem ser representativos de uma determinada época.

A metodologia utilizada consistiu na recolha manual dos compostos no Vocabulário¹. Estabeleceu-se, como parâmetro de recolha, buscar os compostos apenas entre as formas lematizadas. Essas formas constituem a entrada do verbete e vêm, graficamente, em versalete, como no exemplo a seguir:

¹ No caso das palavras com duas ou mais entradas, consideramos, nesse trabalho, aquela seguida de descrição.

Fig. 2 – Antropologia

ANTROPOLOGIA. Dirivase do Grego *Anthropos*, Homem, & *Logos*, Discurso. He o titulo de hum livro composto por Raphael Volaterrano; em que descreve os homens illustres. He este livro a segunda das tres partes dos seus commentarios urbanos. Raphael Volaterrano no Livro 17. da sua *Anthropologia*. Barreiros na cefura de Fabio Pictor. pag. 3.

Fonte: Vocabulario Portuguez, e Latino... (Vol. 1)

Após a coleta dos compostos morfológicos, pudemos perceber a grande diversidade das estruturas envolvidas. Metodologicamente, a fim de uma maior aproximação dessas formações, resolvemos focar a nossa análise e descrição nos compostos constituídos pelo formativo *-log-*. A nossa eleição pelo elemento morfológico em questão deve-se tanto à maior ocorrência nos dados coletados quanto ao fato do seu largo uso na sincronia atual, ultrapassando até mesmo os campos léxico-semânticos prototípicos nessa última.

2 COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA: BREVE APROXIMAÇÃO

O termo “compostos morfológicos”², cujo primeiro uso, em português, é reportado a Villalva (2000), é concebido como o produto do processo de formação de palavras que inclui pelo menos um radical não autônomo, frequentemente de origem grega ou latina, e que apresenta uma vogal de ligação entre os formativos (Ribeiro, Rio Torto, 2016, p. 476). Esse tipo de compostos constitui estrutura recorrente na morfologia de muitas línguas europeias, não apenas as neolatinas, pois o processo foi (e ainda é) largamente utilizado na formação dos chamados “internacionalismos” (Wexler, 1969 apud Gonçalves, 2011, p. 7) – que correspondem a formas que caracterizam um vocabulário universal técnico-científico, de inspiração predominantemente greco-latina (Gonçalves, 2011, p. 7). No caso da língua portuguesa, eles são relativamente novos, sendo frutos da retomada da tradição clássica, sobretudo no Renascimento e do desenvolvimento científico do século XIX, momentos

² Assume-se nesse artigo a terminologia “compostos morfológicos” em detrimento de “composto neoclássicos”. Nossa posição justifica-se pelo fato de considerarmos o termo compostos morfológicos mais amplo, pois engloba não apenas os radicais formados a partir de radicais eruditos, mas por formativos vernaculares, sejam eles radicais ou palavras.

profícuos no uso dessas estruturas para a criação de novas palavras, relacionadas às descobertas da área da ciência.

Em uma segunda análise, é evidente que os compostos morfológicos envolvem uma larga heterogeneidade de elementos em sua estrutura. Essa característica decorre do fato desses compostos se valerem frequentemente de formas eruditas, seja diretamente extraídas do latim (latinismos) ou de estruturas que remetem a radicais greco-latinos como *-log-* (do gr. *logos*), *-graf-* (do gr. *graphein*), *-manc-* (do gr. *manteia*) que servem de base para a criação de novas unidades lexicais no domínio das línguas vernaculares. Dessa maneira, pode-se considerar que:

houve não só o empréstimo dos radicais latinos (para além dos gregos) na formação de palavras compostas em português, mas o padrão de composição clássico também foi incorporado à língua. Com isso, em um composto como *germicida*, por exemplo, além dos radicais serem latinos, a ordem dos constituintes também é alinhada ao padrão mais frequente no latim (ordem regressiva), ou seja, o primeiro elemento do composto é o determinante e o segundo é o determinado (Salvador, 2023, p. 51).

Percebe-se ainda a presença de formas vernaculares portuguesas e, até mesmo, de empréstimos, que possuem estatuto morfológico diverso. Consequentemente, esse aspecto torna, muitas vezes, imprecisa a descrição e a análise desse tipo de estrutura, permitindo para o reconhecimento desses elementos ora como radicais (Ralli, 2008 apud Gonçalves, 2011), ora como afixos (Bauer, 1979 apud Gonçalves, 2011) ou até mesmo são denominados simplesmente por uma perspectiva mais imparcial, tal como forma combinatória (Warren, 1990 apud Gonçalves, 2011). No entanto, esses termos não permitem descrever e explicar, em totalidade, as características dos compostos morfológicos, resultando em uma aproximação insuficiente e parcial do fenômeno. Essa problemática pode ser sintetizada nas palavras de Préié (2008, apud Gonçalves, 2016, p. 277) que abona que a teoria morfológica contemporânea ainda não elaborou de maneira fundamentada e consistente parâmetros para distinguir afixos de outros tipos de estruturas, corroborando para implicações adversas na teoria geral de formação de palavras. Assim, a Morfologia Construcional configura-se como uma alternativa analítica plausível para o tratamento dos compostos morfológicos, processo que não pode ser categorizado perfeitamente em padrões prototípicos da derivação ou composição, pois sob esse viés “deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra, ou se uma construção é composta ou derivada.” (Basílio, 2010, p. 8). A seguir, no quadro 1, alguns possíveis padrões compositivos que correspondem a essa estrutura.

Quadro 1 – Compostos morfológicos: padrões compositivos

PADRÕES COMPOSITIVOS	EXEMPLOS
Radical erudito + VL + radical erudito	cardiopatia, quiromancia
Radical erudito + VL + palavra vernácula	hidroavião, hidromassagem, vinoterapia
Radical vernáculo + VL + radical erudito	parquímetro, sambódromo
Radical vernáculo + VL + palavra vernácula	austro-húngaro, franco-alemão
Palavra estrangeira + VL + radical erudito	Skatódromo, doglogia

Fonte: Modificado de Ribeiro e Rio Torto (2016, p. 476-477)

Considerando-se essa larga heterogeneidade, algumas propriedades classificatórias são comumente descritas para os constituintes envolvidos na composição morfológica:

- a) Lexematicidade na língua de origem. (Petropoulou, 2009 apud Gonçalves, 2011, p.14):

Em latim ou grego, eram, em sua maioria, lexemas livres, podendo, inclusive, receber marcas flexionais variadas. Nas línguas tomadoras, são formas sem livre-curso. Ressalta-se que elementos equivalentes a -logo, homo-, -metro e micro-, entre tantos outros, não têm o mesmo estatuto em todas as línguas em que ocorrem, sendo caracterizados em algumas como verdadeiros “fósseis morfológicos” e em outras, como formas recorrentes, utilizadas com relativa frequência na criação de novas unidades lexicais (GONÇALVES, 2011, p. 9), a exemplo de cultura, fobia, terapia. Torna-se instigante, portanto, buscar descobrir quais fatores operaram (e continuam operando) para o estatuto morfológico de tais constituintes.

- b) Os tipos de vocábulos que formam (Bauer, 1988 apud Gonçalves, 2011, p. 14):

São formações que pertencem a um vocabulário formalmente aprendido, usado em campos técnico-científico e filosófico-literário, como a medicina, biologia, filosofia.

- c) Presença de uma vogal de ligação (Corbin, 2001 apud Gonçalves, 2011, p. 15):

A vogal de ligação é um dos aspectos mais característicos da estrutura dos compostos morfológicos, funcionando como um delimitador dos radicais (Villalva, 2003). Como explicitam Ribeiro e Rio Torto (2016), há duas motivações principais para a presença dessa vogal intermediária. A primeira, de natureza histórica, afirma que tais vogais já estavam previstas em seus constituintes temáticos na língua de origem (no grego: antropos, cronos) ou nas formas genitivas do latim (ager; agri, vinum; vini; frater; patris). A segunda, do ponto de vista sincrônico, diz que esses segmentos são vistos como uma espécie de cola morfológica. ex: antrop(o)logia, pom(i)fero, hidr(o)grafia. Em português, a vogal de ligação -o- é bem mais comum que -i-, por aparecer, em hibridismos, isto é, quando um dos componentes é de origem grega, a exemplo de 'equofagia' (latim + grego, "ato de comer cavalos") e 'agronomia' (latim + grego, "ciência que pesquisa elementos agrícolas")." (Gonçalves, 2007, p. 15).

3 MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Morfologia Construcional (MC), como já abordada em outros textos (cf., p. ex., Gonçalves; Almeida, 2014; Gonçalves, 2016; Gonçalves; Pires, 2016), surge no cenário dos estudos linguísticos, inserindo-se no marco das Gramática de Construções, um dos modelos gramaticais da Linguística Cognitiva, quadro teórico baseado no uso e na experiência do falante. Assim, a MC configura-se como uma alternativa para o tratamento de processos morfológicos que não podem ser categorizados perfeitamente em padrões prototípicos da derivação ou composição. Esse quadro teórico apresenta duas noções basilares: as de esquema e herança.

Sob a ótica dessa teoria, as unidades morfológicamente complexas portam uma parte fixa (plenamente especificada) e uma variável (um slot vazio, comumente representado por X). Na perspectiva da Morfologia Construcional, com Booij (2010) e Gonçalves; Almeida (2014), podemos entender que esquemas representam generalizações sobre conjuntos de palavras existentes, permitindo por analogia, a criação e a recepção de novos itens lexicais. Desse modo:

Esquemas são, portanto, padrões gerais formulados a partir de unidades de forma-significado-função e constituem relações paradigmáticas que, através de características comuns, permitem a abstração de fórmulas capazes de atuar em várias instanciações específicas, podendo ser usados produtivamente. (Soledade, 2013, p. 84).

A construção X-logia, por exemplo, que instancia *astrologia*, 'estudo referente aos

corpos celestes, astros...' *antropologia* 'ciência que estuda o homem', *sociologia*, 'ciência que trata da sociedade', remete, em geral, à noção de estudo, tratado ou ciência.

A noção de herança, por sua vez, já presente na Gramática de Construções, pode ser concebida como qualquer propriedade morfossemântica do esquema de caráter mais genérico transferida para as instanciações mais específicas. Dessa forma, as heranças justificam-se pelo fato de os esquemas representarem generalizações estocados na memória do falante e que "por sua vez, podem se desdobrar em outros subesquemas. Esses dispositivos de conhecimento operam de maneira dinâmica [...], sendo fomentados pelas nossas bases de conhecimento e ativados por conexões de herança." (Silva, 2012, p. 43). Na proposta de Goldberg (1995), há quatro tipos de herança:

- por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);
- por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);
- por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção); e, por fim,
- por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados).

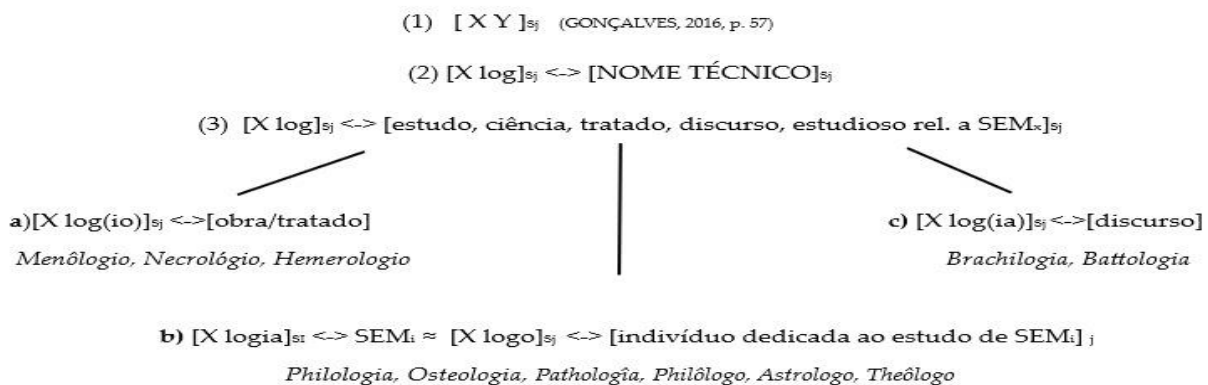
A respeito das relações de herança, Booij (2010) introduz a noção de herança *default*. Ele afirma que, muitas vezes, uma informação presente em um nó mais alto não é herdada, acabando por ser substituída pela propriedade presente na instância mais baixa. Na seção seguinte, com intuito de explicitar melhor essas noções, proceder-se-á a sua aplicação aos dados coletados.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Faz-se necessário, a princípio, apresentar algumas referências de trabalhos acerca do formativo em questão. No dicionário etimológico de Cunha (2010), constatamos que *-log-* é concebido como um elemento de composição, sendo oriundo do grego *logos*, 'palavra, estudo, tratado'. No *Diccionario Etimológico de los Sufijos Españoles* (2002), de Pharies, é possível depreender a acepção de 'estudo, tratado', referenciando alguma ciência, 'psicologia, biologia'. Buenasfuentes de La Mata (2013) registra outros sentidos também possíveis e que se relacionam com o significado de ciência: 'disciplina' (*archivología* 'disciplina que estuda os arquivos em todos seus aspectos'); 'teoria' (*gnosologia* 'teoria do conhecimento'), 'doutrina' (*frenologia* 'doutrina que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro').

Para os compostos morfológicos, assumimos, na figura 3, o esquema genérico da composição neoclássica (Gonçalves, 2016, p. 57) na primeira linha (1); a seguir, na linha (2), há a incorporação e o preenchimento de uma das variáveis, com referência a um nome técnico³ na contraparte semântica. Na terceira linha (3), portanto, temos o esquema construcional do *X-log* fazendo alusão a um tipo de estudo, ciência, tratado, discurso e estudioso⁴. Nas instanciações logo abaixo, há as especificações correspondentes com a junção do sufixo *-i(o)* ou *-i(a)*, fazendo referência a tratado e as demais acepções, respectivamente. Consoante Booij (2010), um outro aspecto que se deve ressaltar em (b) diz respeito à relação paradigmática estabelecida entre o *X-logia*, quando se trata de estudo/ciência, e o *X-logo*, tendo em vista que onde ambos os esquemas possuem o mesmo grau de complexidade e são derivados da mesma palavra-fonte, sendo representados, desse modo, lado a lado. Além disso, é possível criar, a partir deles, novos itens lexicais com conteúdo semântico previsível, isto é, formar *biólogo* a partir de *biologia*, ou vice-versa. Por fim, em termos categoriais, o produto é sempre conjecturável, pois como se trata de um nome técnico-científico, sempre será um substantivo.

Fig. 3 – Esquema construcional [X log]



Fonte: Elaborada pelo autor.

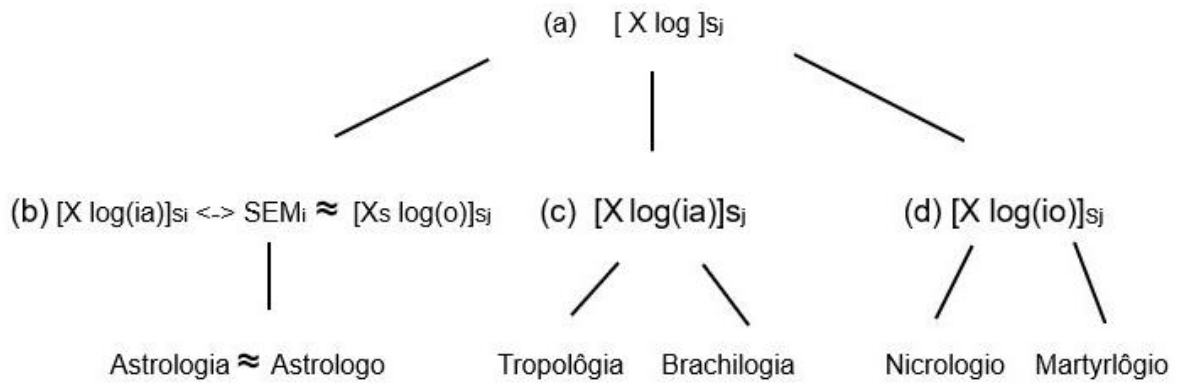
Deve-se levar em consideração que o elemento X pode operar semanticamente,

³ Entende-se por “nome técnico” os termos referentes a um vocabulário especializado de determinada área do conhecimento.

⁴ Nessa pesquisa, utilizamos Houaiss (2009) para delinear essas acepções. Sendo assim, ciência é tida como corpo de conhecimento sistematizado adquirido via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, e formulados metódica e racionalmente. Estudo, por sua vez, como o trabalho ou projeto que precede a execução de uma investigação artística ou científica. Discurso é concebido como uma mensagem oral; série de enunciados significativos que expressam a maneira de pensar e de agir. Por fim, tratado é a obra que expõe de maneira didática um ou vários assuntos a respeito de uma arte ou uma ciência.

quando não se trata de empréstimos diretos do grego ou latim, a um substantivo ou adjetivo. A partir dos dados coletados, é possível constatar que a associação gramatical do *input* está estritamente relacionada com a contraparte semântica. Objetivando elucidar de maneira mais clara essas duas possibilidades, representamos cada uma delas no esquema abaixo:

Fig. 4 – Esquema construcional [X log]



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nessa perspectiva, temos em (b) a variável X associada semanticamente a um substantivo operando como modificador do conteúdo semântico relacionada à noção de ciência/estudo, sendo possível fazer referência ao agente/estudioso, como é evidenciado nos dados abaixo:

Quadro 2 – Compostos morfológicos em -log(ia)-

COMPOSTOS MORFOLÓGICOS	SIGNIFICADO (CONFORME O BLUTEAU)
Astrologia	Derivase do Grego Astir, ou Astron, & Logos, Sermo, & val o mesmo, que Sciencia dos Atros. [...] E aquela que se occupa em em conhecer, & prognosticar de todas estas noticias do futuro...
Astrologo	Perito na Astrologia...
Ethologia	Representação, ou discurso, em que se descreve os bons, ou maos costumes dos homens, as paxoens humanas.

Genealogia	Derivase do Grego Genos, que he Casta, Linhagem, Prosapia, & de Logos, que he discurso, tratado. He uma descrição da estirpe de alguém, em que se dá sumariamente conta de seus avós, & parente, por linhas direitas, & colletares.
Iconologia	Derivase do Grego Eicon, Imagem, & Logos, Discurso. Usaõ Pintores, Imaginarios, Estuarios, & c. desta palavra, para significar a representação das virtudes, vicios, & outras cousas moraes..
Osteologia	Deriva-se do Grego Osteon, osso, & Logos, discurso. He a parte da Anatomia, que se occupa em conhecer a natureza, & situação dos ossos, & juntamente sua figura, & ligamentos.
Pathologã	He a parte da medicina, que ensina a conhecer os achaques assim do corpo, como do espirito, a sua natureza, as causas, os symptomas, &c.
Philologia	He palavra Grega composta de Philos, Amigo, & Logos, discurso, & Philologia val o mesmo que estudo das letras humanas, começando da Grammatica, (que antigamente era a parte principal da Philologia)...
Philólogo	Amigo das letras humanas. Versado no estudo da eloquencia, poesia...
Theologia	Deriva-se do Grego Theos, Deos, & Logos, Falla, & val o mesmo que Sciencia das cousas concernentes a Deos.
Theólogo	Aquelle que sabe da Theologia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Enquanto em (c), por se tratar de uma característica da acepção de discurso, é coerente que a variável X esteja, em alguns casos, relacionada semanticamente adjetivo, afinal evidencia uma propriedade do discurso. Além disso, há unidades que são empréstimos direto do latim ou grego, como é o caso de *acyrologia* e *battologia*, mas que, ainda assim, apresentam um traço caracterizador da noção de discurso. Tal como nos dados apresentados no quadro abaixo:

Quadro 3 – Compostos com [X] semanticamente associado a um adjetivo

COMPOSTOS MORFOLÓGICOS	SIGNIFICADO (CONFORME O BLUTEAU)
Acyrologia	Derivase do Grego Achryos, que val o mesmo, que non Kyrios, id est, não proprio, & de Logos, sermo, & assim Acyrologia he falar improprio [...]
Amphibologia	Derivase do Grego Amphibolos, q quer dizer Ambiguo, & de amphibologia he a ambiguidade das palavras, ou palavras, q tem dous sentidos.
Battologia	He huma inutil, & cançada repetição de palavras frivolas, & sem proposito, no mesmo discurso.
Brachilogia	Modo de fallar breve, & Laconico...
Tropolôgia	Deriva se do Grego Tropos, & Logos [...] He um discurso allegorico para a emenda dos costumes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do ponto de vista semântico, em (d), os esquemas instanciados em X-logio, por fazer alusão a um tipo de obra/tratado, difere dos demais pois apresenta um traço mais concreto, como é possível observar no quadro 4:

Quadro 4 – Compostos morfológicos em -log(io)-

COMPOSTOS MORFOLÓGICOS	SIGNIFICADO (CONFORME O BLUTEAU)
Agiologio	Derivase do Grego Agios, santo, & Logos discurso, & val o mesmo que Discurso sobre a vida, & virtudes dos Santos...
Martyrolôgio	O livro que contem o catalogo dos Santos, & Martires da Igreja, & no qual se faz menção do seu nome, & do dia, & lugar, em que morrerão, ou padecerão o martirio.
Menôlogio	Deriva-se do Grego Min, que quer dizer Mês, & Logos, Razão. Val o mesmo, que livro, em que se dà razão, ou contra das sestras, & Santos de cada mês....
Nicrôlogio	Deriva-se do Grego Necros, & Logos, Falla. Val o mesmo que Catalogo, ou Calendario dos defuntos...
Hemerologio	He palavra composta por Imera, dia, e Logos,

	falla. Val o mesmo, que Diario, Folhinha, Kalendario
Necrolôgio	Deriva-se do Grego Necros, que quer dizer Defunto. He o livro, em que se assentaõ os nomes dos defuntos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir das noções da Gramática de Construções, de Goldberg (1995), é possível destacar as heranças por instanciação, pois os esquemas $[X \text{ logio}]_{sj}$ e $[X \text{ logia}]_{SI} \leftrightarrow SEM_i \approx [X \text{ logo}]_{sj}$ atualizam e especificam noções concernentes ao nome do nó mais geral $[X \text{ log}]_{sj} \leftrightarrow [\text{estudo, ciência, tratado, discurso}]$. Ao considerarmos a acepção de ‘ciência, estudo’, os dados coletados nos permitem sublinhar que há especificação de significado em exemplos como ‘antropologia’ e ‘cronologia’, sendo estes entendidos como o estudo científico da humanidade e o estudo do tempo, respectivamente. Além da contraparte semântica, a posição de $[X]$ é especificada com informações acerca da associação gramatical do radical. Por fim, pelo fato de a variável não se tratar de um item lexical independente, não recebe o símbolo subscripto i .

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado nesse artigo, foi possível perceber que a Morfologia Construcional se configura como um quadro teórico interessante para o estudo de processos e formativos de difícil categorização. Acerca dos compostos morfológicos, vimos, a partir da recolha dos compostos no Bluteau, que tais unidades possuem uma relevante frequência já no início do século XVIII, sobretudo com a retomada do acervo cultural-linguístico greco-latino e intensificada com a revolução científica do século XIX, momento no qual novas descobertas foram realizadas no âmbito de diversas ciências.

Em todos os casos analisados, as formações $X\text{-log}$ podem ser representadas pelo esquema genérico $[X \text{ log}]$. Com base nos dados coletados do Bluteau, verificamos que o $[X]$ pode estar, quando não se trata de empréstimos diretos do latim ou grego, semanticamente associado a um substantivo ou adjetivo, e o produto é sempre um substantivo. Quanto ao polo semântico, notamos que os esquemas em $X\text{-log}$ possuem em essência, um significado altamente especificado com nenhuma abertura para novos significados, remetendo sempre à noção de estudo, ciência, tratado e estudioso.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: **Linguística**.

Rio de Janeiro, v. 6, n.2, 2010.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmático, dialectico, deandrológico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos.** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728 (10vol.).

BUENASFUENTES DE LA MATA, C. Formación de palabras e diacronia sobre formación de palabras y los procesos de gramaticalización. In: PAYET, Isabel Pujol. **Formación de palabras e diacronia.** Coruña: Universidade da Coruña Servizo de Publicacións, 2013, p. 21-48.

BOOIJ, G. **Construction morphology.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4.ed. revista e atualizada de acordo com nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GOLDBERG, A. E. **Constructions:** a construction Grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. **ReVel**, edição especial n.5, p. 6-38, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia Construcional:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa.** São Paulo, 58 (1), p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. **DELTA**, v. 32, p. 261-294, 2016.

GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. de O.. Uma abordagem construcional para as formações x-dromo do português brasileiro. **Revista Linguística.** 12 (1), p. 106-126, 2016.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia.** São Paulo: Contexto; Bahia: EDUFBA, 1991.

VILLALVA, A. Estruturas morfológicas. **Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português.**

Lisboa: FCG/FCT, 2000.

VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho Lisboa, 2003.

PHARIES, D. **Diccionario etimológico de los sufijos españoles**: y de otros elementos finales. Madrid: Gredos, 2002.

RIBEIRO, S; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, G. et al. **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 461-520.

SALVADOR, I. L. **Compostos morfológicos na língua portuguesa (sécs. XVI E XVII)**: uma abordagem construcional. 2023. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2023.

SILVA, C. C. C. da. **A parassíntese em português**: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva. 2012. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, G. Análise da estrutura do “Vocabulário Portuguez, e Latino” de D. Raphael Bluteau. *SELL*, v.7, no.2, p. 1-21, 2018.

SILVESTRE, J. P. **Bluteau e as origens da lexicografia moderna**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

Título em inglês:

MORPHOLOGICAL COMPOUNDS WITH THE FORMATIVE -LOG- IN RAFAEL BLUTEAU'S VOCABULARY PORTUGUEZ, E LATINO, AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO, BELLICO, BOTANICO... (1712-1728): SOME CONSIDERATIONS IN THE LIGHT OF CONSTRUCTIONAL MORPHOLOGY